

Parceiros Estratégicos CulturaPREV



Parceiros Institucionais



Dia Nacional da Cultura reúne sindicatos da área em torno do evento "Um Rio de Cultura"

Pág. 8



1º Festival de Bateristas

Veja como foi a etapa carioca

Pág. 4

Entrevista: //

Leny Andrade fala de seu último lançamento concorrendo ao Grammy Latino



Pág. 3

Veja também...

Educação musical nas escolas **5**

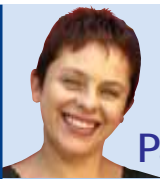
O projeto será votado em breve no Senado

Expomusic **7**

Música e negócios na maior feira de equipamentos musicais da América Latina

Imposto Sindical **13**

Projeto de lei quer acabar com o Imposto Sindical



Palavra de Presidente

Déborah Cheyne

É sempre assim e posso parecer repetitiva. Sei que todos falam, comentam e até escrevem a respeito, mas nunca deixamos de nos impressionar. O tempo parece perder as rédeas, dispara e num piscar de olhos percebemos o tilintar dos sinos natalinos. Apesar disso, muito ainda temos por fazer antes do estouro dos espumantes do 31 de dezembro.

O SindMusi parece estar em plena ebulição. Passamos por um momento onde muitos projetos enfim se consolidam e a movimentação é tamanha que confundimos exaustão com exaltação.

Finalmente conseguimos um convênio com um plano de saúde que trouxe um entra e sai ininterrupto de sócios em nossa sede, o que só nos traz satisfação. E não queremos que essa movimentação cesse. O CulturaPrev é ainda razão de movimentação interna e, muito em breve, estaremos organizando o novo Guia do Músico.

Esse entra e sai é ainda maior por conta da recente união de sindicatos da área de cultura que, com a oportuna vontade de se comemorar o Dia da Cultura com um grande evento, dá o início a uma inédita convergência de sindicatos afins.

Claro que o evento é uma mera desculpa. Afinal há um sentimento coletivo de força e de que a partir de agora a luta não será mais solitária e sim solidária. Todos os representantes envolvidos já confessaram que esta união não só era um desejo antigo, mas também uma necessidade.

E por falar em movimentação, estive recentemente em Pequim representando a Federação Internacional de Músicos em um encontro com músicos e representantes de entidades musicais de todo o mundo. Um microcosmo num cenário macro. Se ainda não atingi a exaustão total depois de testemunhar a efervecência de Pequim e todo o trajeto para lá chegar e aqui voltar, acho que posso chegar até o final do ano comemorando ainda alguns êxitos desta nossa entidade centenária.

TABELA EXTRA DE CACHÊS POR DIA

NATAL (24/25 DE DEZEMBRO), REVEILLON DE 2007 e CARNAVAL DE 2008

Por Período

Sopro em geral, cantor, órgão, guitarra, baixo e bateria	R\$ 459,60
Caixa e ritmo especializado (músicos que tocam 2 ou 3 surdos ao mesmo tempo)	R\$ 372,65
Ritmo em geral	R\$ 286,93

OBS.: Os valores acima envolvem todos os eventos praticados nas datas especificadas (baile, shows, bandinhas, coretos, passeatas, etc.).

Expediente

SINDMUSI - Sindicato dos Músicos Profissionais do Estado do Rio de Janeiro: Presidente: Déborah Cheyne • Vice-Presidente: Itamar Assière • Diretor Tesoureiro: Luiz Carlos Hack • Diretor do Trabalho: Leandro Vasques • Diretor Secretário: Antônio Augusto • Diretora do Patrimônio: Ariane Petri • Diretor Administrativo: Alan Magalhães • Diretor Social: Adil Tiscatti • Diretor de Comunicação: Kleber Vogel • Diretor de Informática: Flávio Pereira • Representante I: Carlos Malta • Representante II: Victor Neto • Conselho Fiscal: Carlos Soares, Mauro Ávila e Nayran Pessanha • Suplentes: Anselmo Mazzoni, Fabiano Krieger, Nando Gomes, Jair de Sousa, Fernando Merlino, Laura Rónai, Sonia Katz e Ubiratã Rodrigues • Quadro Funcional: Gerente Administrativa: Natalia Carneiro • Advogados: Helder Silveira e Karen Rocha • Escritório Contratado: José Carlos Quental • Auxiliares Administrativos: Alex Gomes Freire e Angelica Angelo • Serviços Gerais: Vera Kloczko • Endereço: Rua Álvaro Alvim, 24/405 • Cinelândia • Rio de Janeiro - RJ • CEP: 20031-010 • Tel: (21) 2532-1219 • Fax: (21) 2240-1473 • homepage: www.SindMusi.org.br • email: SindMusi@SindMusi.org.br • Horário de Atendimento: 2ª a 6ª das 10 às 18h. • Delegacia Regional Serrana do SindMusi: Delegado: Alan Magalhães • Jornal Musical: Jornalista responsável: Miguel Sá • Projeto Gráfico e Diagramação: Amarílio Bernard (by3@uol.com.br) • Fôtofoto e Impressão: Jornal do Comércio • Tiragem: 6.000 exemplares • Circulação: Rio de Janeiro.

Tabela de Cachês para Trabalhos Eventuais

(Valores em Reais - a partir de 19/04/07)

Músicos contratados no Rio de Janeiro receberão cachês estabelecidos na tabela do SindMusi/RJ

Gravações	
CD	
Por Período	
Chamada mínima 03 períodos	R\$ 540,00
Instrumentista/ Corista/ Ritmista	
por período	R\$ 180,00
Dobra 01 período	R\$ 180,00
Solo 10 períodos	R\$ 1.800,00
Por Faixa	
Faixa (Instr. / Corista/ Ritmista)	R\$ 540,00
Dobra	R\$ 180,00
Solo	R\$ 1.800,00
Making Of de CD	
Por faixa	R\$ 270,00
<i>Obs: Tempo máximo para gravação de uma faixa 2h30m. Hora excedente ou fração.</i>	
.....	R\$ 180,00
DVD	
Por Faixa	R\$ 540,00
<i>Obs: Caso o material gravado para o DVD se converta em CD, deverá ser pago em adicional o valor de tabela para gravação de CD.</i>	
Arranjo	
Por arranjo	R\$ 1.270,00
Por Regência	R\$ 1.270,00
Cópias - Garantia mínima	
550 compassos	R\$ 250,00
Por compasso	R\$ 0,45
Jingle ou Vinheta	
Por Período	
Chamada mínima 02 períodos	R\$ 600,00
Peça até 1 minuto período	R\$ 300,00
Dobra	R\$ 300,00
Solo 10 períodos	R\$ 3.000,00
Faixa	
Cada faixa	R\$ 600,00
Cada Dobra	R\$ 300,00
Solo	R\$ 3.000,00
<i>Obs: Tempo máximo para gravação de uma faixa 2h. Hora excedente ou fração.</i>	
.....	R\$ 300,00
Filmes	
Trilha sonora para longa metragem ou entretenimento além de 60 min. (onde se desobrigue música ao vivo)	
Por Período	
Trilha para filme nacional	
Chamada mínima 03 períodos	R\$ 1.200,00
Período	R\$ 400,00
Trilha para filme internacional	
Chamada mínima 03 períodos	R\$ 1.635,00
Período	R\$ 545,00
<i>Obs: Esses valores não incluem lançamento da trilha em CD.</i>	

Tapes Especiais	
Teatro/ Historieta/ etc	
Por Período	R\$ 180,00
Cachê de Televisão	
Chamada mínima de 05 horas	R\$ 750,00
Hora Excedente ou fração	R\$ 225,00
Apresentação ao vivo	
Acompanhamento de Artistas Nacionais	
Por show	R\$ 750,00
Por ensaio (máx. 03 horas)	R\$ 750,00
Hora extra de ensaio	R\$ 250,00
Acompanhamento de Artistas Nacionais no Exterior	
Por show	R\$ 1.500,00
Acompanhamento de Artistas Estrangeiros	
Por show	R\$ 930,00
Por ensaio (máx. 03 horas)	R\$ 930,00
Hora extra de ensaio	R\$ 310,00
<i>Obs: O valor do show inclui passagem de som (sound-check) de 3 horas. Após este tempo, paga-se hora extra de ensaio.</i>	
Concerto Sinfônico, Câmara, Balé, Ópera, Opereta e Congêneres	
Orquestra - por Espetáculo	
Spalla	R\$ 570,00
Instrumentista - Cordas/ Sopros	
Percussão/ Outros	R\$ 465,00
Orquestra - por ensaio (máx. 03 horas)	
Spalla	R\$ 465,00
Instrumentista - Cordas/ Sopros	
Percussão/ Outros	R\$ 360,00
Coro - por espetáculo	
Corista	465,00
Coro - por ensaio (máx. 03 horas)	
Corista	210,00
<i>Obs: Será cobrado 20% sobre o valor do período de ensaio para cada hora ou fração de hora excedente.</i>	
Pianista Co-Repetidor	
(por hora de ensaio)	110,00
Músico acompanhador para aulas de balé, dança e congêneres	
Por hora	R\$ 60,00
Baile	
Por baile	R\$ 310,00
Música ao vivo (ambiente)	
Por apresentação	R\$ 310,00
Casamentos / Cerimônias religiosas	
Por cerimônia	R\$ 180,00
Aula Particular	
Hora/aula	R\$ 60,00

Normas de gravação

1. O tempo de trabalho começa a ser contado a partir do momento em que o músico estiver à disposição do contratante.
2. Na gravação por período, o primeiro período é de 60 (sessenta) minutos e os subseqüentes, de 45 (quarenta e cinco) minutos.
3. Dobra é a execução da mesma partitura com o mesmo instrumento mais que uma vez.
4. Cada troca de instrumento corresponde a nova chamada mínima ou faixa.

5. Cada nova partitura executada pelo mesmo músico, num mesmo arranjo, corresponde a nova chamada mínima ou faixa.
6. Na gravação por período, quando o número de faixas for maior que o nº de períodos, o músico receberá o número de períodos correspondente ao número de faixas gravadas.
7. Pout-pourri é o arranjo de mais de uma música com, no máximo, 100 compassos. Ultrapassando este limite, corresponde a novo arranjo e assim subseqüentemente.

// Leny Andrade e música: inseparáveis

A cantora Leny Andrade tem mais de 40 anos de carreira, mas o envolvimento com música começou muito antes. A mãe era professora de piano clássico e desde cedo Leny aprendeu o instrumento. Antes de ser cantora, ela chegou a formar-se em piano. Só mais tarde, por influência de Dalva de Oliveira e Elizeth Cardoso, voltou-se para o canto e a música popular. Particularmente para aquele jeito diferente de fazer música sinalizado por Elizeth, uma das madrinhas da bossa nova.

Aos 17 anos ainda tinha que ser acompanhada pelo pai quando cantava no Beco das Garrafas, em Copacabana. Daí para frente foi música em muitos lugares do mundo, em shows individuais e festivais de jazz nos EUA, Europa e Brasil, inclusive com indicação, este ano, ao Grammy Latino.

Leny tem o número 722 na carteira da OMB. A cantora, inscrita no CulturaPrev, se tornará sócia remida do SindMusí este ano, fato pelo qual ela declara ter muito orgulho. Na verdade, o orgulho dela vai além disso. Quem a vê, no palco ou na vida, não tem dúvidas de que é verdade que a música para ela é como religião. Leny concedeu esta entrevista ao Jornal Musical onde falou sobre a vida e a música em todos os lugares.

Jornal Musical - De que forma começou a aprender música?

Leny Andrade - Minha mãe me ensinou que música é a combinação dos sons. Aprendi isso aos sete anos de idade. Ela foi tocando as notas e me mostrando como fazer isto. Tocando acordes "arrumados" e "desarrumados" para que eu notasse a diferença. Só tenho que agradecer à Dona Ruth Andrade, ela abriu a minha cabeça, burilou minhas intenções musicais logo cedo. Agora, porque tiraram isso da escola?

Jornal Musical - Você acha então que ter música no currículo escolar seria bom?

Leny Andrade - Ajuda até no bom gosto. Se uma criança tiver pais que gostam de boa música e que não agüentam ouvir porcaria dentro de casa, ela sem dúvida vai crescer no caminho do bom gosto auditivo. A criança faz o que os pais fazem, o que alguém faz, imita o que a Xuxa canta na TV. Evidente que eu reconheço que a força da Xuxa é muito grande, mas eu gostaria que ela fosse um pouco além de iláiláriê. Ela é um grande veículo. Conseguiria fazer coisas fantásticas com as crianças.

Jornal Musical - A parte técnica de gravação mudou muito durante os últimos dez anos. Hoje há programas de computador que ajudam a afinar a voz. O que você acha disso?

Leny Andrade - Infelizmente tenho que dizer o seguinte: cantar é cantar. Não tem jeito. É como esse negócio de "ligeira-

mente grávida". Não tem mais ou menos grávida. Também não tem mais ou menos cantor. Ou canta ou não canta. Ou toca ou não toca. O que acontece é que a música chama tanto a atenção das crianças que todo mundo entra na música mas não com a seriedade que ela requer.

Jornal Musical - Há uma cantora atual que admire?

Leny Andrade - Uma das maiores perdas que senti no Brasil foi a Cassia Eller. Eu canto bossa jazz e vou nisso aí até o fim. Funciona para mim, é o que eu gosto. Mas senti profundamente perder essa cantora porque, dentro de toda essa loucura, ela tinha uma noção total do que estava fazendo. Ela cantava tudo bem. Cantou um My Funny Valentine de ficar na história!

Jornal Musical - Existe algo em especial que você acha que pode melhorar na música brasileira?

Leny Andrade - Não sou política, sou cantora, não me interessa se o pato é macho. Eu quero é o ovo. Temos uma pessoa como o Gil no Ministério da Cultura. Ele, para mim, é um deus. Só não consegue o que ele não quiser. Se ele conseguisse 50% de abatimento nas passagens de avião para que a música do Brasil ande pelo país... Hoje, é mais fácil eu ir ao Japão que para Manaus! Não posso me conformar com isto! Se o contratante que quer que eu cante em Belém, ele tem que levar o meu trio e o Djalma (empresário de Leny). Só aí

já tem que pagar as passagens de avião. Quando chegarmos em Belém, o contratante manda uma van de oito lugares. Nada de luxo que isso é bobagem, mas uma van confortável, com ar condicionado, porque Belém é quente. Aí chegamos no hotel. Não precisa ser cinco estrelas. Um três estrelas limpo, gostoso, onde se possa comer alguma coisa de madrugada porque talvez os restaurantes fechem cedo na cidade já está ótimo. Cada músico tem um quarto, além do Djalma. Se coloque no lugar do contratante! Os gastos são altos. Um país desse tamanho tinha que ter vários "Projetos Pixinguinha" rodando durante todo o ano, porque temos muitos artistas de vários segmentos e todos muito bons! O talento brota! Não estou pedindo isso para nenhum segmento musical em especial. É para a música brasileira.

Jornal Musical - Você está disputando o Grammy Latino na categoria de Melhor Álbum de Música Popular Brasileira, no dia 8 de novembro. A indicação foi por causa do CD "Ao Vivo", gravado com o pianista César Camargo Mariano. Como foi isso?



Foto: Miguel Sá

Leny Andrade - O CD foi gravado ao vivo, com piano e voz. O grande mérito é tudo o que o César fez. A luz linda, o som... Foi gravado no teatro Guairão, em Curitiba. Muita gente, muito aplauso... Um espetáculo muito bonito. Foi uma agradabilíssima surpresa ouvir essa notícia do César, que pegou o telefone lá em Nova Jersey e ligou aqui para casa falando: "gosta de roleta?(a festa do Grammy é em Las Vegas). Prepara um dinheiro que se nós não estivermos muito ocupados podemos ir a Las Vegas. Nós fomos indicados ao Grammy".

Jornal Musical - Quais são os planos daqui para frente? Está gravando algum disco novo?

Leny Andrade - Estamos fazendo o show "Um Brasileiro Chamado Jobim" escrito pelo Miéle. O show é ótimo. Tem o Miéle, eu e o trio (bateria, baixo e piano). Vamos fazer o Canecão no dia 13 de novembro e depois vamos para o Teatro Frei Caneca em São Paulo, onde devemos fazer três meses de temporada. É isso aí, temos muita coisa para fazer. A música tem que andar por todos os lados, todos os lugares.

Clube do Choro de Brasília faz 30 anos

Nestas três décadas, o Clube do Choro da capital do Brasil criou uma tradição de virtuosismo que gerou músicos como o bandolinista Hamilton de Holanda

Surgido no fim do século XIX, o chorinho é considerado o primeiro gênero musical criado no Brasil. Durante muitos anos ele se desenvolveu no Rio de Janeiro, sempre recebendo a influência de músicos de todo o país. Nos mais de 120 anos que o gênero tem, o período de maior ostracismo foi o do surgimento da bossa nova, no fim da década de 50, início dos anos 60.

Nos anos 70, o choro teve um renascimento. Mas foi um renascimento que não se restringiu ao Rio de Janeiro. Havia nesta época um forte movimento de chorões em São Paulo e Brasília. O último era descendente direto do choro da antiga capital, tocado pelos funcionários públicos que haviam se mudado para o planalto central.



Odette (esquerda) participou da fundação do Clube do Choro

Foto: Arquivo pessoal Odette Ernest Dias

O fato é que havia músicos para trocar idéias e tocar choro. As reuniões eram aos sábados, nas casas dos próprios chorões. Havia músicos de todo o Brasil tocando chorinho na cidade, o que começava a formar o sabor especial do chorinho de lá: uma música que mistura o virtuosismo dos músicos eruditos que se aventuravam pelo choro com os acentos regionais de músicos do Brasil inteiro que moravam na nova capital.

Com o tempo, os apartamentos estavam ficando pequenos para tantos músicos. As reuniões se tornavam verdadeiros eventos. Foi quando o embrião do que viria a ser o Clube do Choro começou a fazer apresentações no teatro da Fundação Cultural da Escola Parque de Brasília. O teatro lotava e era possível pagar o som e a luz apenas com a arrecadação do dia.

Lício da Flauta foi quem deu a idéia de conseguir um espaço para o Clube. O governador do Distrito Federal na época, Elmo Serejo Farias, era um entusiasta dos shows e cedeu um local, uma obra inacabada, que viria a ser a sede definitiva do Clube do Choro. Teve de ser feita uma sociedade civil para o grupo de chorões poder receber a doação do governo. O Clube do Choro de Brasília foi então fundado em 9 de setembro de 1977. O primeiro presidente foi Avena de Castro. Lício da Flauta, Six e Américo também foram presidentes. Atualmente Reco do Bandolim preside a entidade.

Choro em Brasília: década de 70

Na então ainda nova capital brasileira havia músicos como Celso do Clarinete, o citarista Avena de Castro, o flautista Bide - que havia tocado com Pixinguinha, o percussionista Pernambuco do Pandeiro, o saxofonista Nilo Costa, o trombonista Tio João e o violonista Hamilton Costa. Junto com Odette Ernest Dias, recém chegada para dar aulas na UNB, estes eram os músicos que faziam a cena brasiliense de choro. Vale destacar que o cavaquinista Waldir Azevedo, grande mestre do gênero musical, também estava morando em Brasília na época.



Músicos eruditos e populares participam do Clube

Foto: Arquivo pessoal Odette Ernest Dias

Altos e baixos

Nestes 30 anos, o Clube do Choro chegou a passar por maus momentos. No início da década de 90 a entidade chegou a correr risco de ser despejada, mas a partir de 1995, foram conseguidos patrocínios e foram feitas reformas que permitiram ao Clube retornar com força total em 1997. Hamilton de Holanda é um dos diversos músicos de Brasília revelados por lá. Hoje, além dos shows acontecem exposições e outros eventos sobre o choro, além da Escola de Choro Raphael Rabello, que hoje tem cerca de 400 alunos.

Roubo de Instrumentos: o músico órfão - segunda parte

Uma das piores coisas que pode acontecer ao músico é ter o seu instrumento de trabalho roubado. Quando isto acontece, não há muito para onde correr

Informação também é um instrumento importante. A Revista Backstage, por exemplo, abriu uma seção de instrumentos roubados na sua webpage (www.backstage.com.br). "A grande vantagem de se ter a relação no site é que a consulta é muito fácil, rápida e pode ser acessada a qualquer momento", diz Nelson Cardoso, diretor da editora H.Sheldon, que edita a Revista Backstage. Ele lembra que uma loja não aceitou um produto em uma negociação de troca pelo fato de o instrumento estar na relação dos equipamentos roubados da revista. "Esta loja nos relatou o fato", comenta Nelson.

Prevenção

Uma providência que o músico pode tomar é fazer um seguro do instrumento, como fez o saxofonista Mauro Senise que, mesmo assim, não deixa de tomar cuidado. "O problema não é só o dinheiro, tem o lado afetivo também. Tenho o instrumento há 30 anos comigo. Ele faz parte da minha vida". O problema é que há apenas uma corretora no país, a [assurarte](http://www.musattisseguros.com.br) (www.musattisseguros.com.br), e ela só cobre instrumentos que tenham um valor que não seja só o financeiro. "O que nós queremos é o músico que se apega ao instrumento, que não tem interesse em se descuidar dele", declara o corretor Luiz Braga. Instrumentos de base eletrônica, como teclados, não são cobertos pela seguradora,

até porque são de difícil avaliação após sair da loja. O seguro vale para instrumentos como violinos, flautas, fagote, etc. "Fazemos também para um violão de autor, por exemplo", expõe Luiz Braga. A avaliação é feita por luthiers cadastrados na seguradora.

Solidariedade

Fora isso, é contar com o cuidado e a solidariedade dos colegas. "Quando roubam o instrumento do músico, ele é privado de fazer o bem", comenta o saxofonista e flautista Carlos Malta, que já passou pelo problema. "Quem for comprar um instrumento, tem que ficar atento e ter cuidado, saber de quem foi, quem trouxe ele...", diz o músico. Tam-

bém para Nelson Cardoso os músicos devem tomar cuidado com equipamentos de origem duvidosa. "Devemos sempre nos lembrar que a vantagem momentânea do preço baixo é causada pela dor de um outro companheiro".

Fica o depoimento de Ricardo, o baterista que teve o instrumento roubado em Teresópolis (1a parte da matéria, JM 37). Ele ficou emocionado com a solidariedade de um grande amigo, um baterista muito conhecido, que chegou em sua casa com um kit completo de pratos para que ele pudesse trabalhar. "Nunca vou esquecer disto", comenta. Para quem acha que a classe é desunida, fica o exemplo do que pode acontecer quando um ajuda o outro.

Volta do ensino de música nas escolas: aprovação à vista

Mobilização que começou em agosto de 2006 começa a dar os primeiros resultados. Próximo passo é votação no senado

Em 2006 começava a batalha pela volta da música no currículo escolar brasileiro. A mobilização começou com a inclusão da Música na Subcomissão Permanente de Cinema, Teatro e Comunicação Social da Comissão de Educação do Senado e a criação da Frente Parlamentar Pró Música, que é uma frente suprapartidária.

O compositor e arranjador Felipe Radicetti é o responsável pela coordenação das ações do Grupo de Ação Parlamentar Pró Música (GAP). As matérias de interesse do meio musical, como a isenção fiscal na importação de instrumentos para músicos profissionais (PL 330/2006, do senador Saturnino Braga) e a inclusão da música no currículo escolar brasileiro são acompanhadas pelo GAP. Para discutir a volta da música nas escolas foi criado um grupo de trabalho com entidades representativas do setor, como a Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM), a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música (ANPOMM), a International Society for Music Education (ISME), o Núcleo Independente de Músicos (NIM), o GAP e o SindMusi. Este grupo foi responsável por, entre outras coisas, identificar os "gargalos" que impedem a educação musical.

Texto ambivalente

A mobilização para a inclusão da música no currículo escolar teve um manifesto com a participação de 61 entidades do Brasil e do exterior ligadas à música, depoimentos de artistas e 2.348 assinaturas de estudantes, profissionais, artistas e pessoas interessadas. Foi com isto que, durante audiência pública realizada em 22 de novembro do ano passado, ficou demonstrado que o ensino de música era uma reivindicação de parcela expressiva da sociedade brasileira. O resultado da audiência foi a redação do texto de um projeto de lei para recolocar a música nos currículos escolares. Atualmente são dois os Projetos de Lei relacionados ao assunto que tramitam no Senado. Ambos com textos idênticos. Um é o PLS 340/2006, de autoria de Roseana Sarney e o outro é o PLS 343/2006, de Saturnino Braga.



Felipe radicetti é coordenador do Grupo de Ação Parlamentar Pró-música

Foto: Divulgação

Boa parte do problema é causado pela ambivalência do texto da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que fala na obrigação do ensino de artes nas escolas sem especificar que tipo de arte seria esta. A consequência é que os concursos para

professores da área artística têm um caráter genérico, sendo geralmente direcionados para as artes plásticas ou teatro. "Hoje nós temos, no país, profissionais habilitados para ensinar música, mas eles não encontram concursos adequados à sua formação", coloca Felipe. Hoje, o Projeto de Lei está prestes a ser votado no Senado. Após a aprovação, que é quase certa, o Projeto vai para a Câmara dos De-

putados e, caso também seja aprovada lá, vai para a sanção presidencial.

Currículo

A aprovação da lei é só o começo da batalha. "Se fosse sancionada hoje, o Ministério da Educação teria problemas para implementá-la", comenta Felipe Radicetti. "Isto deve ser feito de forma progressiva". Mas aí surge outro problema: o que seria implantado? O que seria ensinado? Qual seria o método pedagógico? "Há várias correntes de educação musical. Uns defendem a volta do canto orfeônico, outros defendem o aproveitamento de experiências no ensino informal de música e do terceiro setor (ONGs). O ano de 2008 deveria ser de discussão do conteúdo programático. O que não pode faltar é a educação musical. A falta dela é um grande perigo para a cultura nacional", finaliza Radicetti.

Para obter informações sobre a tramitação dos Projetos de Lei sobre educação musical no congresso, acesse os seguintes links:

http://www.senado.gov.br/sf/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=79635

http://www.senado.gov.br/sf/atividade/materia/detalhes.asp?p_cod_mate=79689

BACKSTAGE

www.backstage.com.br produção musical

REVISTA DE CONTEÚDO PROFISSIONAL

A FERRAMENTA INDISPENSÁVEL PARA O MÚSICO PROFISSIONAL

assinatura anual com **10% de desconto** parcele em 6x no cartão

BANCAS - LOJAS - ASSINATURAS
www.backstage.com.br

Acesse nossa
Livraria Virtual
www.editorahsheldon.com.br
Songbooks • Métodos • Vídeos-aula • Livros

Realizada a etapa carioca do primeiro Festival Odery/Modern Drummer no Teatro do Sesi, no centro do Rio de Janeiro

Participaram do evento nove bateristas de toda a região metropolitana da cidade e um da Bahia

Idealizado pelo baterista Alexandre Cunha e realizado pela Odery e a revista Modern Drummer do Brasil, o 1º Festival Odery/Modern Drummer acontece em 20 cidades de todo o Brasil com eliminatórias, shows e workshops. Em cada uma das etapas são premiados três bateristas, sendo que o primeiro lugar é classificado para a semifinal, na cidade de Campinas, em São Paulo. A final será no Teatro Municipal de Vinhedo(SP), no dia 2 de novembro.

Na etapa do Rio de Janeiro dez bateristas foram selecionados para tocar seus solos no palco do Teatro do Sesi, no centro do Rio de Janeiro. O corpo de jurados contou com os bateristas Robertinho Silva, Ruy Motta, Carlos Balla, Alexandre Cunha, Guto Goffi, Cláudio Infante, César Conti e a percussionista Mila Schiavo. A organização do evento no Rio teve apoio do SindMusi e foi organizada por Daniel Batera. O Sr. Odery, criador da fábrica de baterias que leva o mesmo nome, foi um dos apresentadores do evento. Entre uma apresentação e outra, a Mongeral distribuiu kits de brindes do CulturaPrev.

As apresentações

A etapa do Rio de Janeiro teve a participação de instrumentistas do Rio, São Gonçalo, Niterói, Duque de Caxias e até Salvador(BA). Houve aqueles que procuraram demonstrar mais técnica, como Stephan Drummond, que tirou o terceiro lugar. Outros investiram em números mais musicais, como Isaiás Desidério Florindo, que foi o vencedor. De um extremo ao outro, destaque para a apresentação de Anderson Guimarães Barreto, que conseguiu o segundo lugar. O nível técnico das apresentações foi alto, dificultando o trabalho dos jurados.

Stephan demonstrou alta técnica, sem deixar de fazer um pouco de "show", virando as baquetas na mão antes de percutir as peças da bateria. O baterista demonstrou grande precisão e impressionou os jurados. Já Anderson fez um medley de ritmos brasileiros e latinos. Ele mostrou suingue e técnica tocando maracatu, salsa e samba. Isaiás apostou em sua musicalidade, tocando com um kit de bateria bastante reduzido, ao contrário dos outros dois concorrentes. A apresentação foi simples e conquistou os jurados pela segurança e maturidade.

Participaram ainda os bateristas Felipe Guimarães Aguiar, Jahir Soares, Jaime Pacheco Pereira, Leonardo Duarte Pagani, Marcos Paulo Cardoso, Ricardo Antônio Silva e Richard Frainer. Após a apresentação dos concorrentes, os bateristas Alexandre Cunha e Carlos Balla fizeram apresentações enquanto as notas dos



Guto Goffi, Rui Motta, Cesar Conti, Claudio Infante, Mila Schiavo, Carlos Balla



Isaiás ganhou sem fazer preparação especial

jurados eram somadas.

Confraternização

Antes e após as apresentações, o que se viu foi uma grande confraternização entre os jurados, organizadores e concorrentes. Os bateristas veteranos destacavam o nível dos participantes. "É importante a participação dos garotos que estão começando", declarou Carlos Balla. Para César Conti, o nível técnico dos instrumentistas estava bastante alto "com muita musicalidade e brasilidade. Acabou aquela época em que a maior influencia eram os bateristas estrangeiros. O músico brasileiro já assimilou a técnica deles e está tocando influenciado por músicos daqui". Mila Schiavo destacou a di-

ficiência de participar deste tipo de competição. "Todo mundo nervoso, é muito esforço. Alguns acabam querendo mostrar coisas demais", comentou a percussionista.

Alexandre Cunha, que além de baterista é filho do Sr. Odery destacou a importância do evento para a política de regionalização de endossers da empresa. Odery também abordou a questão, declarando que o Festival ajuda a levar informação em lugares onde ela é escassa, além de descobrir músicos "escondidos" por todo o país.

O vencedor Isaiás Desidério Florindo, que toca na Rio Jazz Orquestra, comentou que sua preparação foi natural. "Toquei o que toco no dia a dia". Ele ganhou o direito de participar da semifinal e equipamentos dos patrocinadores. O evento foi patrocinado por baterias Odery, pratos Orion, baquetas Liverpool, microfones JTS e peles Evans.

Atenção Músicos, Profissionais & Amantes da Música !

Finalmente uma agenda para organização de compromissos pessoais criada especialmente para quem faz ou gosta de música.

AGENDA DO MÚSICO 2008



► **Agenda com espaços diários, mensais e anuais**, para você planejar seus compromissos.

► **Capas nas versões Clássica, Jazz, Pop-Rock e MPB.**

► **Pautas musicais e tabelas musicais** para você escrever e consultar, com várias dicas úteis.



► **Listas com vários telefones e sites do meio musical** (gravadoras, editoras, associações, Ecad, Sindicato, OMB, etc) e de utilidade pública.



E MUITO MAIS !!!

À venda no Sindicato dos Músicos do RJ com super desconto para associados !



Expomusic: diversão e negócios para os músicos

Aconteceu em São Paulo, entre 26 e 30 de setembro, a 24ª Expomusic: feira de instrumentos musicais e equipamentos de som. Os músicos aproveitam para fazer negócios

Abrem-se as portas do Expocenter Norte - pavilhão de exposições em São Paulo semelhante ao Riocentro, do Rio de Janeiro. Dentro, 170 expositores, incluindo alguns dos maiores fabricantes, importadores e distribuidores de instrumentos musicais e equipamentos de áudio do país mostram seus equipamentos. Na Feira, o visitante encontra do mais recente lançamento de equipamento de homestudio às guitarras e amplificadores vintage que todos já conhecem. Durante a Feira também acontecem workshops, pequenos shows nos estandes e o Expomusic Fest nos auditórios do pavilhão. Este ano, a Expomusic recebeu mais de 60 mil pessoas em cinco dias entre músicos, lojistas, estudantes e interessados em música.

Mas nem só de equipamento é feita a Expomusic. Durante a Feira, muitos negócios acontecem, e os músicos não ficam fora disso. Eles são os "endorsers" dos equipamentos vendidos pelas fábricas, importadoras e distribuidoras. Estes músicos fizeram um acordo com as empresas no qual eles recebem equipamentos delas e, em contrapartida, emprestam seu prestígio a elas em anúncios nas revistas especializadas e workshops pelo Brasil. Os instrumentistas ajudam a vender instrumentos musicais, pedais de efeitos, cordas, acessórios, amplificadores e tudo mais que um músico precisa para trabalhar. No Expocenter se pode ouvir o som de todos os instrumentos ecoando pelo local.

Para ser um endorser

Este mercado, que envolve fábricas, distribuidores, importadores e a mídia especializada (revistas direcionadas a músicos e técnicos de som) já existe há cerca de 15 anos. Os primeiros a participarem foram os músicos paulistas. Ainda hoje eles têm um pouco mais de facilidade para conseguir acordos com as empresas de equipamentos musicais, como explica o guitarrista Fernando Vidal, que toca com Fernanda Abreu, Marina e tem trabalho solo. "Oitenta por cento das fábricas e importadoras estão em São Paulo. No Rio, nós ficamos um pouco longe disso. O que acontece é que, muitas vezes, o músico de lá acaba conseguindo o acordo mesmo não tendo um trabalho musical solo



Músicos de todo o Brasil vêm à Expomusic



Daniel Batera: marketing é a chave

de expressão ou sem tocar com artistas de projeção", comenta o músico.

No entanto, há cerca de cinco anos, músicos de outras áreas do país começaram a participar mais ativamente deste negócio. Augusto Silva, que toca bateria com diversos músicos de Pernambuco e na Spok Frevo Orquestra, ressalta que algumas empresas estão regionalizando o elenco de músicos patrocinados. Daniel Batera, baterista gaúcho que mora no Rio de Janeiro e toca na Banda BR Soul de-

Caminho difícil

De qualquer forma, o caminho é árduo. Para começar, o músico tem de entrar em contato com as empresas das quais quer obter um equipamento. Para isto, não há lugar melhor que a Expomusic "no primeiro dia", ressalta Daniel Batera. A Feira acontece todo ano, geralmente no mês de setembro. O músico deve levar um relise com informações sobre a sua carreira e mostrar as possibilidades de divulgação que o seu nome oferece para a empresa/fábrica/distribuidor. "A palavra-chave é marketing. Tanto o pessoal como o que você fará para a empresa", diz Daniel.

Para Fernando Vidal, o fato de tocar com duas artistas de grande projeção ajuda, não só por causa da projeção mas também porque ele pode fazer workshops nas cidades onde o artista faz os shows. Sempre que viaja para tocar, Vidal fala a sua agenda para os patrocinadores, que verificam se podem fazer algum evento em uma loja local. "É um outro mundo. Em uma loja de instrumentos o pessoal era meu fã.

Os workshops ajudam a conhecer o Brasil e saber quem conhece você".

Os acordos de endorserment podem ser muito bons para a carreira de um músico, se ele se associar a marcas das quais realmente goste e tenha vontade de usar o equipamento. Fernando Vidal chama atenção para que o músico só procure as que realmente ache boas. "Não dá para tocar com uma guitarra que eu não goste", afir-

ma. Daniel Batera diz que o músico deve chegar para conversar conhecendo bem o equipamento que pretende usar. Segundo ele, assim o músico fica mais próximo de fechar um acordo.

O caminho é difícil, mas pode valer a pena. Qual o músico que não quer independência no seu trabalho? O importante é não entrar em "furadas", respeitar e administrar bem os acordos. No mais, um pouco de sorte sempre ajuda.

Para saber mais sobre a carreira de Fernando Vidal e Daniel Batera, acesse os sites www.fernandovidal.com.br e www.danielbatera.com.br.



Fernando Vidal só usa equipamentos que gosta

fende que a distância de São Paulo não é problema. "A questão é o que o músico tem a oferecer para a empresa".

Para que o acordo dê certo, é importante que ambas as partes cumpram com suas obrigações. Os termos dos acordos variam, mas basicamente a empresa deve trabalhar a imagem do músico patrocinado em anúncios nas revistas especializadas e os músicos fazer workshops e usando os equipamentos da empresa. Quando ele é bem feito, pode trazer muitos benefícios para o músico, como divulgação, bons equipamentos à disposição sem custos adicionais, prestígio para o músico (quando a marca tem prestígio, o músico se beneficia disto) e receber cachê por workshops e apresentações nos quais apresenta os equipamentos.



AUDIO & VIDEO

ESPECIALIDADE EM
JAZZ & BOSSA NOVA

JINGLES - TRILHAS SONORAS
DE FILMES E TEATRO

TRANSFORMAÇÃO DE VHS PARA DVD
VINIL PARA CD - FILMAGENS - EDIÇÕES

RUA: PEDRO I Nº7 SALA 802
CENTRO - RIO DE JANEIRO

FONE (21) 2544-9064 97426936
T.BARBOSA EDGAR ROJAS

Email toninho@tbs.mus.br
edgarmusicvideo@hotmail.com

Sindicatos comemoram o Dia Nacional da Cultura unidos

Entidades de classe da área cultural e da comunicação se juntam para fazer uma grande festa na Cinelândia, com música, teatro, dança, circo e imagens no telão

Dia Nacional da Cultura

Este ano, pela primeira vez, sindicatos ligados à cultura e comunicação se reúnem em torno de um objetivo comum: chamar atenção para as condições sob as quais os profissionais da área trabalham. Isto será feito comemorando o Dia Nacional da Cultura no dia 6 de novembro.

Entre as 14 e as 22 horas acontece a grande comemoração na Cinelândia, com shows já confirmados de Leny Andrade, Chico Salles e Grupo Chabocão e do Sexteto Jazz Brasil 193, formado por músicos da banda do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro. Nos intervalos dos shows e apresentações, serão exibidos depoimentos em telões com personalidades importantes da vida cultural do Rio de Janeiro, como Martinho da Vila, Ana Botafogo, Leny Andrade, Jaime Arôxa e muitos outros.

O evento conta com o apoio institucional da UNISUAM, da Rádio MEC, da Câmara Municipal de Vereadores, da Cedae, Riotur, OMB/RJ, Naymar Equipamentos, Metrô Rio e Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro.

Um Rio de Cultura

O evento, batizado "Um Rio de Cultura", pretende levar à população a consciência de que, para cada bem cultural oferecido, existe um trabalhador com todas as necessidades e preocupações de trabalhadores de outras áreas. "Também queremos mostrar o quanto o Rio de Janeiro ganha quando se manifesta pela cultura. A cultura da cooperação, da união que constrói a paz. Acreditamos que, com isso, ganha o trabalhador, ganha o Rio e, principalmente, ganha o cidadão", explica a presidente do Sindicato dos Músicos Profissionais do Rio de Janeiro (SindMus) Déborah Cheyne.



Foto: Divulgação

Os dirigentes dos sindicatos da cultura se uniram para comemorar o Dia da Cultura



Foto: Divulgação

Marcelo Chocolate e Sheila Aquino dançam juntos há dez anos

Entre as entidades ligadas à cultura, participam da organização do evento o Sindicato dos Artistas e Técnicos em Diversão do Estado do Rio de Janeiro (Sated/RJ), o Sindicato dos Profissionais da Dança

União

Os presidentes e representantes das diretorias dos sindicatos estão animados com as novas perspectivas abertas. Jorge Coutinho, presidente do Sated/RJ, já havia falado sobre união de entidades no seu discurso de posse, em 2007. "É muito bom ver isto tomando esta dimensão. É bom estarmos todos juntos. Estamos fazendo um evento por nós mesmos. Ano que vem teremos ainda mais tempo para preparar a festa. Este é apenas o primeiro de outros que faremos juntos".

Lourdes Braga, presidente do SPDRJ, está entusiasmada com a comemoração e, principalmente, a união dos sindicatos. "Acho isto fantástico, uma coisa inédita. Muita coisa pode começar a acontecer na cultura e na política. Vai ajudar a mostrar que, além

de artistas, nós somos trabalhadores da cultura", declarou. Para Luiz Antônio Gerace o Chacra, presidente do Stic, "esta reunião vai ao encontro do maior projeto de nossa gestão, que é a procura da proximidade com as entidades da mesma área. Juntos teremos mais força para atuar em nossos setores", afirma.

Déborah Cheyne enfatiza o entusiasmo com que as entidades estão costurando esta união, não só para o evento mas também para futuras ações políticas conjuntas. "O evento é a razão inicial deste encontro, mas isso é só o começo. Com esta união, podemos nos ajudar uns aos outros quando houver um problema em comum. Não estamos mais isolados", comemora a presidente. Também participa da organização do evento a Associação dos Repórteres Fotográficos.

do Rio de Janeiro (SPDRJ) e o Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Cinematográficas (Stic). A chegada do Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Município do Rio de Janeiro (SJPMRJ) e do Sindicato dos Radialistas do Estado do Rio de Janeiro traz uma nova dimensão para a comemoração. "Com esta crise de representatividade do trabalho, a união se torna importante. Juntar política e cultura tem tudo a ver. Nós sempre estamos atentos à área cultural. Muitos de nós trabalhamos com cultura", declara a presidente do SJPMRJ Suzana Blass. Uiracy, diretor de ética do Sindicato dos Radialistas, declara que "o nosso presidente, Miguel Walter da Costa, acha importante a união dos sindicatos ligados à comunicação e cultura. Esta união não se fará só neste momento", diz o dirigente.



Foto: Divulgação

Kleber Vogel e Martinho da Vila durante a gravação do depoimento

Arte no Dia da Cultura

Haverá apresentações para todos os gostos de todas as artes no grande evento do dia 6 de novembro. A música fica a cargo das atrações Jazz Brasil 193; de Chico Salles e Grupo Chabocão; e de uma das maiores cantoras brasileiras: Leny Andrade.

Chico Salles e Grupo Chabocão tocam ritmos como forró, côco e outros gêneros do nordeste. Chico foi empossado, recentemente, como membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel, ocupando a cadeira originalmente pertencente a Catulo da Paixão Cearense.

A cantora Leny Andrade se criou com a bossa nova, no Beco das Garrafas. Com muitas horas de voo em festivais de jazz do mundo inteiro, ela vem trazer o sambajazz para a Cinelândia no Dia Nacional da Cultura. Além de Leny, a banda Jazz Brasil 193, composta por membros da Banda do Corpo de Bombeiros, também traz o jazz para a praça.

A dança também será parte importante do evento. Carlinhos de Jesus, coreógrafo e diretor da Casa de Dança Carlinhos de Jesus, no Rio de Janeiro, ele já fez a preparação corporal de artistas como Jaqueline Bisset, Elba Ramalho, e Milton Nascimento. Carlinhos apresentará um espetáculo de dança que promete empolgar toda a Cinelândia. O Centro de Danças Johnny Franklin, escola de formação de dança do Rio de Janeiro dirigida por Denise Acquarone, mantém em funcionamento o Rio Ballet. O grupo apresentará coreografia de Hélio Bejani, diretor artístico do grupo, feita para a música de Fernanda Abreu "Rio 40 Graus". O corpo de baile conta com 15 integrantes.

Já o Studio de Danças Valéria Brito, premiado em diversos festivais nas categorias Livre e Jazz, apresentará duas coreografias. A primeira, em estilo livre, chama-se Brasil; a segunda, no estilo Jazz, é a Entre Nós. Elas serão apresentadas por 13 bailarinos da companhia. O estúdio já fez apresentações em programas de TV da Globo como TV Xuxa, Jovens Tardes, Gente inocente, Angélica e outros.



Cristiano requião, do Stic, e o músico Tim Rescala conferem o resultado da gravação do depoimento



Representante do MinC no Rio, Adair Rocha também gravou seu depoimento

Sheila Aquino e Marcelo Chocolate prometem um belo espetáculo de dança de salão. Os dois são parceiros de dança há mais de dez anos. O casal chegou a participar de shows da cantora Alcione. Por conta do trabalho, já deram, inclusive, entrevista no Programa do Jô.

Jaime Arôxa também se apresenta no Dia da Cultura. Desde 1986 que Jaime tem sua escola de dança de salão. Ele, também é coreógrafo e atua em peças, filmes, novelas e shows como Rainha da Sucata, Beth Carvalho, Deus é Brasileiro e muitos outros.

As artes cênicas também estarão presentes nas esquetes montadas pelos alunos da escola do Sated/RJ e do ator Ribamar, que encenará Dom Quixote. Estarão ainda no evento Elke Maravilha, Tonico Pereira, Hugo Gross, Milton Gonçalves, Cosme dos Santos, Stepan Nercessian, Ruth de Souza e muitos outros. O circo também não foi esquecido e estará presente com a Família Rhiwany. O Dia da Cultura termina com a apresentação da GRES Acadêmicos da Grande Rio. O Dia Nacional da Cultura será um dia de festa para o Rio de Janeiro.



Carreta palco da CSN foi cedida para o evento

6 de Novembro

Atrações do Dia Nacional da Cultura

- Apresentação Dom Quixote - Ribamar (teatro)
- Studio de Dança Valéria Brito
- Jazz 193 Corpo de Bombeiros
- Fundação CSN
- Declamação de poesias e locução
- Chico Salles e Grupo Chabocão
- Sheila Aquino e Marcelo Chocolate (dança)
- Grupo Cigano Luz e Estrela
- Esquete - Escola Sated (teatro)
- Carlinhos de Jesus - dança de salão
- Leny Andrade (música)
- Rio 40 graus - Cia Rio Balé (dança)
- Família Rhiwany (circo)
- Jaime Arôxa (Dança)
- Escola de Samba - Grande Rio

**Música & Artes
Do Bebê à 3ª Idade**

Musicalização, Elementos da Música
Harmonia e Percepção
Violino, Viola, Sax, Flauta, Clarineta
Cello, Baixo, Guitarra, Violão
Bateria, Percussão, Teclado e Piano
Canto e Coral, Bandas e Orquestra

Tel: 2567-4378 www.educart.com.br
General Roca, 518 - Tijuca (Pª S. Peña)

Visita

Recebemos, na sede do SindMusi, no dia 19 de outubro, a visita do Sr. Adair Antunes, Presidente do SINDIMUSRS (Sindicato dos Músicos Profissionais do Estado do Rio Grande do Sul) e do Sr. Artur Carravetta, Presidente da FITEDECA - RS/SC (Federação Interestadual dos Trabalhadores em Difusão Cultural e Artística - do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina). Saudações musicais aos companheiros do Rio Grande do Sul.

Carmem Miranda

Quem gosta de Carmem não pode perder essa. O SindMusi apóia o evento Nunca Houve Mulher como Carmem nem Escola Como o Império Serrano, promovido por Milton Cunha e os formandos do Instituto do Carnaval. A festa será na quadra do Império Serrano, no dia 14 de novembro, às 21 horas com shows diversos. Não perca!



A Püchner, fabricante alemã de fagotes, clarinetes e oboés, esteve no Brasil realizando exposições de seus instrumentos

Os diretores da fabricante de oboés, fagotes e clarinetes Püchner estiveram no Brasil durante o mês de setembro fazendo demonstrações dos instrumentos. Também participou das demonstrações o representante da empresa no Brasil, o fagotista Fábio Cury.

As exposições dos instrumentos aconteceram em Piracicaba, durante o IV Festival de Oboé e Fagote, na Escola de Música Ernest Mahle, em São Paulo, na Escola Municipal de Música, em Brasília, no Departamento de Música da UNB e no Rio na sala Iberê Gomes Grosso, no SindMusi.

Foram expostos os modelos de Fagotes Püchner modelo 23 "Antique Finish", o Modelo Premier, o atual design dos tudéis para fagote, os oboés Püchner modelo 733 C, semi-automático, e 733, automático, o Oboé d'amore e o corne inglês Püchner. "Nossa empresa tem mais de 100 anos de idade, e o nosso objetivo é fazer instrumentos com a melhor qualidade possível. Somos preocupados não com a quantidade, nossa empresa é preocupada com a qualidade", declarou uma das diretoras da empresa Gabrielle Gabriele Nilsson-Püchner.

Jam Session em Guapimirim

23 de novembro sexta-feira, dentro das comemorações da Semana do Músico, no município de Guapimirim o Instituto Tecnoarte (www.tecnoarte.org.br) comemora seu aniversário de 9 anos juntamente com o aniversário da cidade que acontece no dia 25 do mesmo mês.

Na programação estão previstas várias atividades culturais, entre elas uma "jam session" com músicos locais, convidados, alunos e professores do Tecnoarte e do Integrartes. O evento conta com o apoio do SindMusi/RJ, do Instituto Integrartes de Teresópolis, da Prefeitura municipal de Guapimirim e do SESC Rio.

Feira Orgânica

No dia 25 de Agosto, o SINDMUSI, dentro de seu propósito de fomentar a cultura no estado, apoiou evento na Feira Orgânica e Cultural da Glória, única feira de alimentos orgânicos da cidade.

Bigorna (flauta e saxofone) e Fernando Moraes (teclado), abrilhantaram a manhã com músicas de sua autoria.

Centenário SindMusi / Há 4 anos

Um dos passos mais significativos na atuação política do SindMusi/RJ no ano de 2003 foi dado no dia 15 de maio, quando o presidente, Victor Neto, a vice-presidente, Déborah Cheyne, e o Diretor de Comunicação, Dalmo C. Mota, se reuniram com o Ministro da Cultura, Gilberto Gil.

O intuito do encontro foi apoiar incondicionalmente a campanha pela obtenção de pelo menos 1% do orçamento da União para o MinC, que, desta maneira, teria recursos para a implementação de suas políticas.

Aproveitando a ocasião, os representantes do Sindicato apresentaram e defenderam pessoalmente as propostas e reivindicações da classe, que incluem a volta do ensino de música nas escolas, a maior facilidade de acesso a instrumentos e acessórios musicais, a instalação de uma rede de integração entre as escolas de música de todo o país, a ampliação do espaço destinado à música nos canais de rádio e tv, o combate à prática do jabá, etc.



O Presidente do Sindicato, Victor Neto, e a Vice-Presidente, Déborah Cheyne, se encontram com o Ministro da Cultura, Gilberto Gil, em 2003.

INFORME SINDMUSI

Sócios remidos 2007

O SindMusi anuncia a lista dos sócios remidos deste ano de 2007. Eles serão diplomados em evento no mês de dezembro em local e data a serem anunciados.

Clélio da Silva (Clelito) - Acordeonista e tecladista

Ivan Conti (Mamão) - Baterista

Leny Andrade - Cantora

Mário Negrão - Baterista e percussionista

Nelsinho Belchior - Cantor lírico

Zélia Bastos - Cantora

A CGTB realiza seu terceiro Congresso Regional, elege nova diretoria e prossegue na defesa do trabalho formal, do Pac e da cultura

No dia 14 de setembro, às 18 horas, aconteceu a solenidade de abertura do III Congresso Regional da CGTB, no Sesc-Flamengo. Durante o evento, foram feitos vários discursos ressaltando a importância da mobilização dos trabalhadores. O presidente nacional da CGTB, Antônio Neto, destacou a luta contra a Emenda 3, que dificulta a fiscalização da contratação irregular de pessoas jurídicas.

Durante a abertura foi lembrada a importância do PAC e do correto uso de seus recursos para trazer desenvolvimento e empregos formais para o desenvolvimento do país. A assinatura pelo presidente Lula de Projeto de Lei no qual as centrais sindicais são reconhecidas também foi abordada durante os discursos na solenidade. A presidente do SindMusi, Déborah Cheyne, falou a respeito da participação da mulher no movimento sindical e da importância que a CGTB dá para a cultura, o que foi determinante na filiação do SindMusi à Central Sindical.

CGTB Rio

A reestruturação da sessão estadual do Rio de Janeiro da CGTB começou, efetivamente, durante o 5º Congresso Nacional da entidade, em dezembro. "Trouxemos uma boa delegação (do Rio de Janeiro) e começa-



A CGTB reafirmou seus ideais durante o terceiro congresso

mos a discutir com os sindicatos daqui (a reestruturação da entidade no Rio). Marcamos que faríamos o nosso congresso para colocar de pé, definitivamente, a CGTB do Rio de Janeiro", relembra Leandro Costa, coordenador do Congresso Regional da CGTB. "Este congresso tem a finalidade de reconstruir a Central e juntar novas lideranças sindicais para enfrentar os desafios", conclui o coordenador do evento.

A CGTB do Rio de Janeiro já tem 14 sindicatos filiados. O SindMusi está entre eles. "Nossa conversa com a direção do SindMusi foi muito rica e tivemos esta grande

aquisição para a CGTB", comentou o sindicalista, que fez um agradecimento especial ao SindMusi pela ajuda na organização do Congresso.

Nova diretoria e estatuto

No dia 15 de setembro, aconteceram os painéis do Congresso. Foram abordados assuntos de infra-estrutura do país e os direitos do trabalhador com ênfase na previdência e no reconhecimento das centrais sindicais. Também foi aprovado o estatuto da CGTB-Rio e eleita a nova diretoria regional, com Marco Vinício que é presidente

da Federação das Associações e Sindicatos dos Servidores Públicos do Estado (FASP-RJ) na presidência da CGTB Rio. "Aceitei o desafio que alguns companheiros me trouxeram porque acho que é o momento em que as centrais, tendo o reconhecimento com o projeto que está em tramitação no Congresso Nacional, terão um novo suporte de respeitabilidade", comemora Marco. "Pretendo, no Rio, ter o apoio dos sindicatos e trazer mais sindicatos para dentro da central para fortalecê-la".

O presidente da CGTB nacional Antônio Neto comemorou a refundação da CGTB -Rio. "Não dá para ter uma central no Brasil inteiro e o Rio de Janeiro, que é um dos pólos politicamente mais desenvolvidos do país, não ter uma CGTB organizada. Ao ver sindicatos fortes e organizados se filiando à nossa central nos dá orgulho e a certeza de que estamos no caminho certo", declarou o dirigente.

Música no Congresso

A solenidade de abertura do Congresso teve a apresentação do Art Metal Quinteto, com repertório de Pixinguinha a música renacentista. No encerramento do congresso, a vez foi do Balaio Carioca: grupo de samba e choro que tocou o repertório tradicional dos gêneros.

21 **2255-9037**
www.studiobpm.com.br

COPACABANA BARRA 24 HS

- gravação em pro tools •
- ensaios •
- edição de vídeo •
- e muito mais •

Agende seu horário Online!

Barra Copacabana

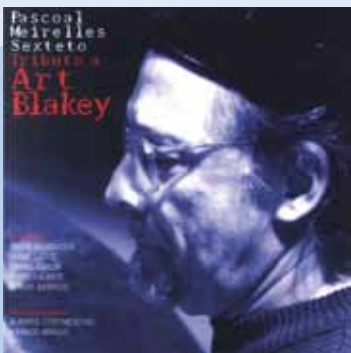
- Ensaie com conforto e qualidade em Copacabana e Barra!
- Grave com qualidade e preço!

PRO TOOLS Fender Marshall MESA Yamaha SHURE It's Your Sound SENNEISER YAMAHA MACKIE



Samba e Amor
Gente Fina e Outras Coisas
(CD - INDEPENDENTE)

Gente Fina e Outras Coisas é o nome do grupo composto por Zé Carlos Bigorna (flauta e sax), Fernando Coelho (violão), Ronaldo do Bandolim (bandolim), Bebeto Castilho (baixo) e Jovi Joviniano (percussão). Eles tocam músicas de Mocir Santos, Chico Buarque, Noel Rosa, Nelson Cavaquinho, Maurício Einhorn e Rodrigo Lessa entre outros mais ou menos famosos. A sonoridade do disco fica na fronteira entre o samba, o choro e a bossa nova, dependendo da música e dos instrumentos utilizados no arranjo. Vale ressaltar a saborosa participação do gaitista Maurício Einhorn na música de sua autoria em parceria com Durval ferreira e Bebeto Castilho "Tristeza de Nós Dois". O CD, produzido por José Carlos Bigorna, foi gravado e mixado no Estúdio Umuarama.



Pascoal Meirelles Sexteto
Tributo a Art Blakey
(CD INDEPENDENTE)

Imagine um estúdio. Na sala de gravação, os músicos tocam todos juntos, sem os overdubs possíveis nas centenas de canais oferecidos pelos sistemas digitais de gravação. No repertório, temas como Caravan, Moanin'n e A Night in Tunísia. As gravações que vão entrar no disco são escolhidas entre três takes inteiros gravados por uma formação em sexteto com bateria, baixo acústico, piano, sax tenor, trompete e sax alto. A esta altura, você já deve estar pensando que esta é uma gravação com os Jazz Messengers, de Art Blakey. Passou perto. Esta é a gravação é do disco Tributo a Art Blakey, feita pelo Pascoal Meirelles Sexteto, em 2005, e lançada agora, em novembro.

Pascoal Meirelles é um dos grandes bateristas brasileiros. Em mais de 40 anos de carreira, já tocou com artistas como João Bosco, Edu Lobo, Ivan Lins e Gonzaguinha. Desde o início da década de 80, quando voltou de uma temporada de quatro anos em Berklee, investe principalmente em sua carreira na música instrumental, seja em discos solo, seja com o supergrupo instrumental Cama de Gato ou com o Pascoal Meirelles Sexteto. São mais de 10 álbuns instrumentais com trabalhos próprios.

Inspiração

A homenagem de Pascoal a Art Blakey não vem à toa. O primeiro disco de jazz comprado por ele foi dos justamente dos Jazz Messengers. "Depois ouvi muitas outras coisas, outros bateristas do jazz, como Elvin Jones, e da música brasileira, como Edson Machado e Dom Um Romão. Mas aquele som do sexteto de Art Blakey, com três sopros na formação, ficou na minha cabeça", comenta o baterista.

A oportunidade da homenagem veio em um convite do Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB), no Rio, para um tributo a Art Blakey em 2002, idealizado pelo falecido produtor Paulinho Albuquerque. O show foi gravado e ajudou a "azeitar a máquina" do Sexteto para a gravação do disco.

O disco

Apesar de o repertório ser composto de standards dos Messengers, Pascoal não fez um disco de covers. Todos os arranjos são novos, inclusive com algumas das músicas rearranjadas. Todos os músicos gravaram juntos e sem click. Não houve sequer isolamento acústico para a bateria e os sopros. Os vazamentos entre os microfones foram todos aproveitados para compor a sonoridade do disco. O resultado é que a dinâmica é toda feita pelos músicos, e não nos faders operados pelo técnico de som. Por isto, o clima da gravação remete ao dos grandes discos de jazz gravados na década de 60. "Nenhum dos solos foram refeitos", enfatiza Pascoal Meirelles.

O CD tem dez faixas. A última delas gravada ao vivo durante os shows, em 2002. As outras nove foram gravadas por Ugo Marotta e mixadas por Ugo e Pascoal no estúdio Barrozo Netto. Além de Pascoal, tocam Sergio Barrozo (baixo acústico), Dario Galante (piano e teclados), Daniel Garcia (sax tenor), Jessé Sadoc (trompete) e Idriss Bodrioua (sax alto). O lançamento será na Modern Sound, que fica em Copacabana, Rio de Janeiro, em 6 de novembro.

(www.pascoalmeirelles.mus.br)



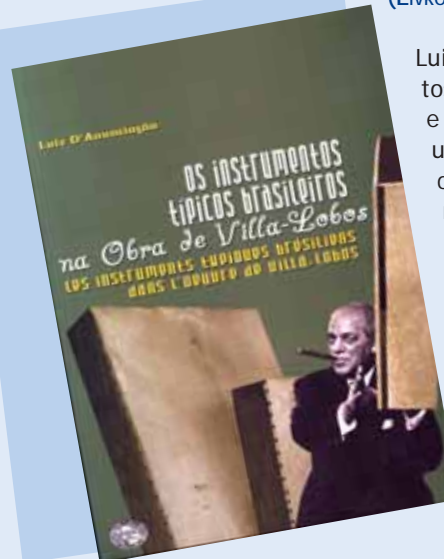
O Trompete na Música Brasileira
Paulo Mendonça e Maria Teresa Madeira
(CD - ACADEMIA BRASILEIRA DE MÚSICA)

Paulo Mendonça e Maria Tereza Madeira gravaram um importante documento sonoro sobre as composições brasileiras para o trompete. O trompetista e a pianista gravaram peças de 10 autores onde o instrumento desempenha papel importante. Há obras de Sergio Di Sabbato, Celso Monjola, Aylton Escobar, Roberto Macedo, Ronaldo Miranda, Francisco Mignone, Lorenzo Fernández, José Guerra Vicente, Ernani Aguiar e Alexandre Schubert.

O CD tem desde obras feitas especialmente para o disco, como a Sonata para Trompete e Piano, de Sérgio di Sabbato, até as reconhecidas na história da música brasileira, como o Noturno, de Lorenzo Fernández. O álbum foi apoiado pela Academia Brasileira de Música.

Livro

Os Instrumentos Típicos Brasileiros na Obra de Villa-Lobos - Luiz D'Anunção
(LIVRO COM CD - ACADEMIA BRASILEIRA DE MÚSICA)



Luiz D'Anunção mostra os instrumentos de percussão brasileiros com nome e sobrenome. Com o livro, ainda vem um CD contendo a sonoridade de cada um deles, fornecendo um panorama completo dos instrumentos especificados por Villa-Lobos nas suas peças. O autor ainda escreve sobre como orquestras do Brasil e do mundo ainda hoje relutam em usar estes instrumentos e o quanto isto interfere na execução correta da obra. Um importante livro de pesquisa que vale a pena para o músico.

Os produtos desta sessão estão à venda na sede do SindMusi. Conheça nosso Armazém Virtual: www.SindMusi.org.br

Emenda quer acabar com o Imposto Sindical

Pequenos sindicatos atuantes podem ser prejudicados

Parece piada, mas não é. O movimento sindical teve uma boa e uma má notícia nos últimos dois meses. A notícia boa já se tornou velha. O presidente Lula havia encaminhado ao Congresso Nacional projeto de lei que reconhece a existência legal das centrais sindicais. Além disso, no projeto enviado pelo presidente, o Imposto Sindical seria distribuído também para as centrais, que receberiam 10% do montante do valor total da arrecadação.

Agora a notícia ruim. O deputado federal Augusto Carvalho (PPS-DF) acrescentou emenda ao projeto que acaba com o Imposto Sindical. A proposta foi aprovada na câmara e vai para votação no senado. O projeto muda o artigo 589 da CLT, sobre o financiamento das entidades patronais e de trabalhadores. No entanto, a emenda não traz alterações para os sindicatos patronais.

A emenda causou reação imediata da parte das seis centrais sindicais (CUT, CGTB, Força Sindical, NCST, UGT e CTB). Elas se reuniram com o ministro do trabalho Carlos Lupi na sede da Força Sindical, no dia 19 de outubro. O ministro declarou que vai lutar para que o projeto de lei original seja mantido. Um acordo foi fechado com o presidente interino do Senado, Tião Viana (PT-AC) para que a Casa aprecie o tema até o dia 15 de novembro. Deve ser colocada uma emenda supressiva que exclui a alteração do Imposto Sindical. Com isso, as centrais receberiam os recursos já em 2008.

Imposto Sindical: o que é

Quando Getúlio Vargas instituiu o Imposto Sindical, em 1943, ficou definido que cada trabalhador formal - mesmo que não fosse filiado ao sindicato - pagaria o equivalente a um dia do seu trabalho às suas entidades de representação, incluindo aí os sindicatos. Já os trabalhadores autônomos contribuem anualmente com o equivalente a 30% de um valor de referência que hoje é de 19 reais.

À primeira vista pode parecer vantajoso não pagar este valor, mas o fim do imposto pode ter um efeito nada bom para todos os trabalhadores: o enfraquecimento do movimento sindical. Alan Magalhães, diretor administrativo do SindMusi, explica que o fim do imposto pode acabar com sindicatos pequenos e atuantes. "Há quem diga que o imposto obrigatório sustentaria sindicatos de fachada. Porém, existem entidades pequenas que fazem uma defesa real do trabalhador e podem fechar as portas de um dia para o outro. Com isto, algumas categorias perdem sua representação legítima. Cabe ao governo melhorar a fiscalização sobre entidades fantasmas", comenta.

A Central Geral dos Trabalhadores do Brasil (CGTB), central sindical à qual o SindMusi é filiado, faz defesa intransigente do imposto sindical obrigatório. "Achamos isto um grande erro. Pode prejudicar bastante as entidades de representação dos trabalhadores", comenta José Mauro Ramalho. Presidente do Sindicato dos Previdenciários do Estado do Rio e primeiro secretário da Central Geral dos Trabalhadores do Brasil (CGTB).

Consciência de classe

O fato é que o sindicato é uma entidade de utilidade pública. Isto justificaria a cobrança de um imposto sindical. No entanto, a enorme quantidade de taxas já pagas pelo brasileiro dificulta esta compreensão. Além disso, José Mauro Ramalho diz que uma parcela dos trabalhadores não dá importância para a entidade representativa de sua categoria. "Há muito tempo que setores da sociedade vêm condicionando uma imagem negativa dos sindicatos. O trabalhador, às vezes, tem dificuldade para entender a importância de um sindicato forte", ressalta Ramalho, acrescentando que isto ajuda o trabalhador a enfrentar as adversidades e ser ouvido nas reivindicações. Por isto, ele acha difícil que a contribuição opcional seja uma boa solução. "Mas esperamos ainda reverter isso (o fim do Imposto Sindical) no Senado", comenta Ramalho.

Déborah Cheyne representa a Federação Internacional dos Músicos em Pequim

A presidente do SindMusi, Déborah Cheyne participou representando a Federação Internacional dos Músicos



Déborah Cheyne ressaltou a importância da música na identidade das comunidades

Entre 11 e 16 de outubro, aconteceu em Pequim, na China, o Segundo Fórum Mundial de Música e a assembleia geral do Conselho Internacional de Música (International Music Council - IMC). O Fórum pretende ser um espaço onde artistas, estudantes, executivos da música e outros atores importantes da área, de todas as partes do mundo, possam se encontrar e trocar as mais diversas experiências e idéias. Ele é promovido pelo IMC, uma rede global de organizações e pessoas que trabalham na área musical fundado pela Unesco, em 1949. As atividades do IMC são direcionadas para promover a diversidade musical e os direitos culturais.

O primeiro Fórum foi promovido em Los Angeles, em outubro de 2005. A partir deste encontro, o IMC decidiu dar continuidade à iniciativa. O segundo foi realizado em outubro deste ano, na China, com o apoio da Associação Chinesa de Músicos. Como órgão da Unesco, a IMC trabalha baseada nos princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos, a qual ressalta que é direito de todos expressar-se livremente.

Painéis de debate

Durante o evento, aconteceram quatro painéis de debates: a Música em Desenvolvimento, a Diversidade Musical, os Direitos Intelectuais e a Música no Futuro, abordando desde a criação musical até a performance, passando pela educação. A presidente do SindMusi, Déborah Cheyne, participou como observadora indicada pela FIM, que é filiada ao IMC, do painel A Música em Desenvolvimento.

Déborah também ministrou palestra na qual falou sobre projetos de inclusão social no Brasil que utilizam a música. A presidente do SindMusi mostrou o quanto estas iniciativas têm sido fundamentais no resgate da identidade de diversas comunidades no Brasil. "Eles têm sido inclusive, alvo da curiosidade da Sociedade Internacional dos Educadores por preencher as lacunas abertas pelo poder público, criando uma nova pedagogia adequada a cada caso", declarou Déborah ao Jornal Musical.

A presidente do SindMusi se disse satisfeita com a experiência no Fórum. "É ótimo poder atravessar o mundo para falar sobre música e identidade. No mundo inteiro os dois estão muito ligados e nem preciso dizer que, no Brasil, a música é a própria identidade".

Compro Discos de Vinil (LP e Compactos)

Anos 60 e 70



(de 1960 a 1980)

MPB, Bossa-Nova, Tropicália, Rock-Brasil, Soul-Brasil, Beatles.
Somente em bom estado. Não compro Música Clássica.

Tel. (21) 2742-0742



Nayan Pessanha

Música nas Escolas

Que o brasileiro é povo musical não é novidade. Da simples caixa de fósforos ao instrumento de técnica mais elaborada, temos inúmeros exemplos dessa criatividade musical e porque não dizer - dom musical.

Tenho presenciado fora do eixo Rio - São Paulo (onde as "oportunidades" são ditas melhores) em festivais e oficinas de Música, um número cada vez maior de jovens instrumentistas, uns em fase de iniciação e outros tocando bastante bem mas que nem por isso deixam de mostrar um vivo interesse em aprender com aquele professor que veio de outra cidade, com uma mensagem nova ou uma partitura que aquele jovem ainda não teve acesso. Se por um lado isso é fantástico, por outro preocupa pois a oferta do ensino musical ainda é pequena para o contingente de jovens que hoje procura na Música ocupar uma lacuna que sem dúvida já devia ter começado a ser preenchida na escola fundamental.



Sou do tempo da Música na escola pública, do orfeão, que tanto contribuiu para socializar muitos dos meus colegas que para alguns, estudar musica e cantar no coral "não era coisa prá rapaz", mas como a arte tem um poder transformador, eles acabavam entrando pro coral da escola e sejamos justos, o professor tinha o grande mérito nessa questão pois a ele cabia escolher o repertório adequado, interessante e motivador para aquela turminha rebelde.

O fato é que temos que levantar alto essa bandeira da volta do ensino da Música nas escolas, cuja adesão o nosso SINDMUSI já fez e há tempos toca nessa tecla como representante da classe musical do Estado do Rio de Janeiro.

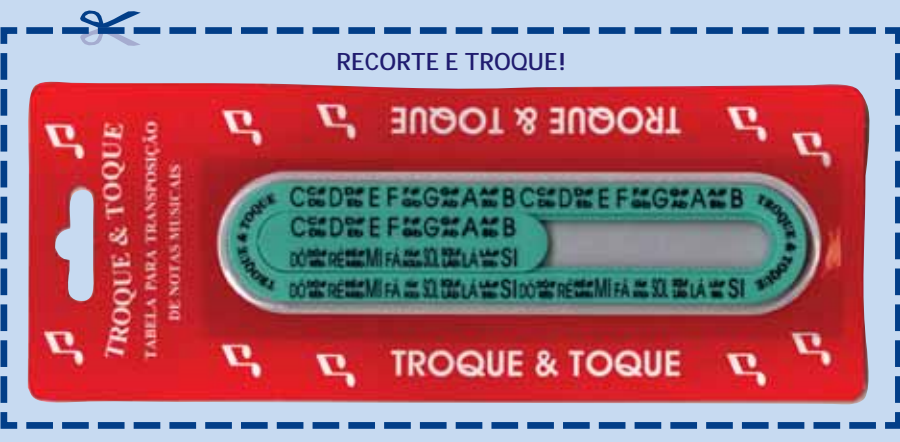
O ensino das Artes seja Música, Artes Plásticas, Teatro e Dança é fundamental para a formação do indivíduo como pessoa e ser humano.

Os vários projetos musicais que acontecem em algumas cidades e em especial no nosso Estado são frutos de um trabalho sério e árduo e que já colhe frutos dos mais significativos no meio musical. Temos certeza que com o Estado, fazendo a sua parte nessa área educacional no campo das Artes, teremos, pois acreditamos nisso, um estudante mais preparado e com maior aproveitamento escolar. Esse é um passo para diminuir as mazelas que temos presenciado na sociedade.

MÚSICA NAS ESCOLAS JÁ!

Troque e Toque

Recorte este cupom, leve-o à sede do SindMusi e troque por uma tabela de transposição. O Troque e Toque é uma ferramenta que ajuda o músico a fazer transposição de tons.



CulturaPrev traz desconto no imposto de renda

Na abertura colocar "Planos de previdência permitem descontos no imposto de renda. Isto acontece também no plano administrado pela Petros e com a cobertura da Mongeral para morte e invalidez, exclusivo para artistas

Fazer um plano de previdência pode ser bom por muitos motivos. Seja pela perspectiva de vencimentos melhores na aposentadoria, pelas facilidades na hora de comprar a casa própria ou pelo desconto no imposto de renda. O Brasil é um país com carga tributária recorde em todo o mundo. Ela chega a cerca de 37 por cento do PIB. Há poucas possibilidades de fugir disto. Uma das formas são os descontos no imposto de renda, que podem acontecer por diversos meios. Um deles é entrando em um plano de previdência privada.

Planos de previdência permitem dedução de até 12% da renda bruta anual do Imposto de Renda. No caso do CulturaPrev, isso acontece da seguinte forma: um artista que tenha uma renda anual de 24 mil reais contribuiria, por ano, para o plano com 2.880 reais. No caso dele, a base de cálculo para o imposto de renda seria de 21.120 reais, pagando cerca de 800 reais de IR. Para o artista sem CulturaPrev, a base de cálculo do imposto seria de 24 mil reais, o que gera um valor de 1.235 reais para o IR. A economia no imposto a pagar é de 432 reais para o participante o plano da Petros. Isto significa uma redução de 34,97% do imposto a pagar.

Previdência privada para artistas

O CulturaPrev é o único plano de previdência privada direcionado totalmente para artistas. Ele foi instituído por sindicatos e associações ligados à classe. Além dos benefícios tradicionalmente oferecido por bancos e seguradoras, este plano oferece vantagens adicionais, como o respeito à sazonalidade da carreira artística: a contribuição mensal pode ser interrompida por até um ano sem que o participante perca o direito ao plano.

Um exemplo de como o plano funciona: um músico de 35 anos que comece a contribuir agora com 150 reais mensais deverá receber cerca de 2500 reais por mês a partir dos 65 anos de idade. Ele também terá uma cobertura para morte ou invalidez de 150.500 reais cobertos pela seguradora Mongeral. Para aderir ao CulturaPrev, antes o artista deve se filiar ao sindicato ou associação de sua categoria. Para mais informações, ligue 0800-253545.



SindMusi amplia a rede de convênios para o associado

Curso de Percepção Musical

As escolas de ensino regular do Brasil, tanto particulares como públicas, não têm música na sua grade curricular. Por isto, quem deseja aprofundar os conhecimentos, seja para o exercício profissional ou para uma prova de habilidade específica de faculdade, precisa procurar algum dos ótimos cursos de música disponíveis no estado do Rio de Janeiro. Uma das opções são as aulas oferecidas pelo professor José Roberto Monteiro no SindMusi.

José Roberto participa da bem-sucedida experiência do Integrartes de Teresópolis. O currículo engloba solfejo e percepção musical. As aulas acontecem na sede do Sindicato dos Músicos Profissionais do Rio de Janeiro. O investimento é de 40 reais para sócios do SindMusi e 90 reais para não sócios. Ao final do curso, que dura nove meses, o músico terá conhecimento o suficiente para fazer a prova específica do vestibular para música nas melhores universidades. Mais informações pelo telefone (21) 2532 1219

Obituário

Adriano de Oliveira.

Um músico elegante, tanto na sonoridade como no trato pessoal: assim era conhecido o baterista Adriano de Oliveira.

Adriano nasceu em 17 de janeiro de 1950 na cidade de São Paulo. O baterista tinha formação autodidata. Aos 17 anos sua carreira profissional começou com o cantor romântico Altamar Dutra. Trabalhou com outros cantores e cantoras da MPB, como Agostinho Santos, Noite Ilustrada, Silvio César, Cauby Peixoto e Nana Caymmi, mas era muito conhecido por seu trabalho com Leny Andrade, com quem tocou por 25 anos. A cantora, lembrando dos shows em festivais de jazz e dos discos gravados com ele, o definiu como "o mais suave de todos os bateristas que eu conheci". Adriano também gravou um disco com o trio que acompanhou a cantora Leny Andrade. O álbum de estréia do Bom de 3 (B3) saiu por volta de 2004 com Lúcio Nascimento no baixo e João Carlos Coutinho no piano.

Adriano morreu em setembro de 2007.

César Faria

O violonista, pai de Paulinho da Viola, tocava já há alguns anos na banda do filho. Tinha 88 anos e era um dos últimos remanescentes da geração do samba e do choro que brilhou antes da bossa nova. Foi um dos fundadores, com Jacob do Bandolim, do conjunto Época de Ouro, responsável por manter o choro vivo durante o auge do gênero musical consolidado por João Gilberto e Tom Jobim, nos anos 60. Faria foi um dos responsáveis por trazer aos dias de hoje as levadas que eram feitas no violão de seis cordas antes da bossa nova.

O músico morreu de infarto em 20 de outubro.

O SindMusi deseja ainda os pêsames às famílias de:

Eneidr dos Santos Araújo - Trompetista integrante da Orquestra Tabajara.

Nilo Loureiro Batizaço - Percussionista.

José Faustino da Silva - Trombonista.

Sindicato dos Músicos Profissionais do Estado do Rio de Janeiro

ASSEMBLÉIA GERAL ORDINÁRIA

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

O SINDICATO DOS MÚSICOS PROFISSIONAIS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO convoca seus associados para a Assembléia Geral Ordinária a ser realizada em sua sede à Rua Álvaro Alvim nº 24, Grupos 401/405, nesta cidade, às 14:00 horas do dia 11 de dezembro de 2007, em 1ª convocação. Caso não haja número legal de associados presentes, será feita a 2ª convocação às 14:30 horas, com qualquer número, para deliberarem sobre a seguinte ORDEM DO DIA: a) Aprovação das Contas do exercício de 2006; b) Previsão Orçamentária para o exercício de 2008. De acordo com a alínea "B" do Art. 524 da CLT, as deliberações serão tomadas por escrutínio secreto. Rio de Janeiro, 23 de agosto de 2007.

Déborah Cheyne Prates - Presidente

Plantão Jurídico

Previdência: atendimento por telefone

Sempre que pensamos em resolver algum problema no INSS, logo lembramos de filas quilométricas. Acontece que já existe uma forma mais fácil de ser atendido. Basta ligar para 135 e selecionar uma das opções disponíveis, como, por exemplo, perícia médica ou informações sobre o benefício, entre muitos outros.

Ocorre que, muitas vezes, os beneficiários que procuram o serviço prestam informações incorretas para os atendentes. Isto provoca problemas na hora de confirmar o atendimento. Há dificuldades para localizar as pessoas que procuram o serviço porque muitas dão informações incorretas, a começar pelo próprio número do telefone. O Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) ressalta a necessidade de que, ao ligar para o 135, o usuário do serviço forneça um número de telefone correto. Nome e Número de Inscrição do Trabalhador (NIT) também precisam ser indicados de forma correta.

É bom ressaltar que essas informações são fornecidas apenas no momento em que o segurado estiver agendando o atendimento, nunca na confirmação. Durante a confirmação, o atendente do 135 apenas lembra ao segurado o horário agendado e pergunta se ele poderá comparecer, além de confirmar os documentos que precisam ser levados. Nunca são solicitadas informações pessoais, como números de documentos de identidade. Fique atento!

Atualização de cadastro no SindMusi

Não é só a previdência que tem problemas com informação. O SindMusi precisa ter informações atualizadas dos sócios, inclusive o número do Número de Inscrição do Trabalhador (NIT), já mencionado acima. Ele é essencial para que a assessoria jurídica do SindMusi possa ajudar o associado. Atualize o seu cadastro!

DRT: retomada da fiscalização

Tivemos, no dia 18 de outubro, uma reunião com o chefe de fiscalização da Delegacia Regional do Trabalho do Rio de Janeiro (DRT/RJ) Márcio Lins e com a auditora fiscal Márcia Jovita. Conversamos a respeito da retomada da fiscalização nas casas noturnas que contratam profissionais para música ao vivo. Embora as casas noturnas tenham conhecimento desta legislação, algumas acabam não a cumprindo. Com esta retomada, pretendemos que o músico tenha mais segurança para que possa exercer a profissão dignamente.

ERRATA

ARTIGO PUBLICADO NO PLANTÃO JURÍDICO DA PÁGINA 15 DA EDIÇÃO Nº 37 DO JORNAL MUSICAL, REFERENTE A OBRIGATORIEDADE DO ENVIO DA GPS AO SINDICATO DE MAIOR REPRESENTAÇÃO DAS EMPRESAS, PERDEU SUA EFICÁCIA DEVIDO A UMA ALTERAÇÃO OCORRIDA NOS PROCEDIMENTOS DO INSS, ATRAVÉS DA CIRCULAR CONJUNTA 002/2001.

GPS ELETRÔNICA - REMESSA AO SINDICATO DOS EMPREGADOS

TENDO EM VISTA A OBRIGATORIEDADE DO RECOLHIMENTO DAS CONTRIBUIÇÕES PREVIDENCIÁRIAS ATRAVÉS DE GPS ELETRÔNICA, O INSS DETERMINOU QUE NENHUMA EMPRESA DEVERÁ SER AUTUADA POR NÃO AFIXAR CÓPIA DA GPS NO QUADRO DE HORÁRIO OU DEIXAR DE ENVIAR CÓPIA AO SINDICATO DOS EMPREGADOS.

Balcão Musical

Jornal
Musical

(21) 3272-5910
9194-6867

Dança, Música, Teatro, Poesia, Circo e muito mais!

Um RIO de CULTURA

Cinelândia
14h às 21h

06/11
Terça

Realização:



Apoio:



Sindicato dos Profissionais da Dança do Estado do Rio de Janeiro

Sindicato dos Músicos Profissionais do Estado do Rio de Janeiro

Ordem dos Músicos do Brasil